

7 Educar para a morte e a promoção da saúde mental

Ermelinda de Fátima Dias da Cunha de Macedo¹; João Carlos Gama Martins Macedo²; Maria Filomena Pereira Gomes³; Paula Cristina Soares Da Encarnação Peres⁴

RESUMO

Quando tratamos a morte, referimo-nos a um facto irrefutável: todos os seres vivos morrem, inclusive os seres humanos – morrem, porque são seres vivos e morrem, porque são sistemas irreversíveis. A morte faz, assim, parte do desenvolvimento humano, acompanhando-nos desde o nascimento até ao final da vida. Pela revisão da literatura, verificámos que existem estudos sobre a forma como as crianças elaboram o conceito de morte relacionando-o com múltiplas variáveis: sexo, idade, desenvolvimento cognitivo, religião, experiências prévias, discussão do constructo "morte" na família, mas não evidenciam as percepções das crianças sobre a morte e o morrer. O estudo decorreu durante os meses de Fevereiro/Março de 2009. Tem como objectivos identificar e descrever as percepções sobre a morte em crianças dos 8-11 anos. É um estudo exploratório e descritivo, tendo sido aplicada uma entrevista semi-estruturada. A amostra é constituída por 42 crianças, com idades compreendidas entre os 8 e 11 anos a frequentar o 3º e 4º anos do 1º ciclo. Os dados foram objecto de análise de conteúdo. Emergem do discurso das crianças três categorias: significado simbólico da morte, emoções e sentimentos e apreciação da morte. Concluimos, que as crianças estudadas sentem-se pouco confortáveis a falar sobre o tema e que este necessitará de ser discutido no meio familiar e escolar, pois consideramos que falar com as crianças sobre a morte poderá ser importante para a sua (re)integração *na vida*.

PALAVRAS-CHAVE: crianças; morte; educação; Saúde Mental

ABSTRACT

When we deal with death, we refer to one irrefutable fact: all living beings - including humans – die, since they are living beings and because they are irreversible systems. Death is thus part of human development, accompanying us from birth until the end of life. Through the literature review, we noted the existence of studies on the way children elaborate the

concept of death, by linking it to multiple variables: gender, age, cognitive development, religion, previous experiences, discussion on the construct of "death" in the family, except any evidence of children's perceptions about death and dying. Aims and methodology: the study took place between the months of February and March of 2009. It aims to identify and describe the perceptions of death in children aged between 8 and 11 years. It is an exploratory and descriptive study with a semi-structured interview applied. The sample consists of 42 children, aged between 8 and 11 years, attending the 3rd and 4th grades of elementary school. The data was subjected to a content analysis. Conclusions: three categories emerge from the children's discourse: symbolic meaning of death, emotions and feelings and appreciation of death. We concluded that the analysed children feel uncomfortable talking about the issue and it is necessary to discuss it within the family and in school, because we believe that talking to children about death might be important for their (re) integration *into life*.

KEY-WORDS: children; death; education; mental health

INTRODUÇÃO

A morte é inevitável a todos os seres vivos. A ideia que o ser humano tem sobre ela persegue-o durante toda a existência. Persegue-o, também, a necessidade de a enfrentar de forma mais natural, conseguindo, por vezes, símbolos complexos que mais não fazem do que negar um facto inegável.

A verdade é que a compreensão da morte continua a ser, ao longo dos milénios, um enigma e um desafio para o ser humano e como não é possível efectuar uma experimentação de morte só é possível apreendê-la através do simbólico e do imaginário (Escobar, 2007).

A morte obriga o ser humano a pensar para além do tempo cronológico a que se habituou, isto é, aquele tempo que determina o fim de vida. A este propósito, e um ano após a celebração do bicentenário do nascimento de Charles Darwin e os 150 anos da publicação da «Origem das Espécies», relembremos mais uma vez que, embora com

¹ Professora Adjunta da Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho, Mestre em Educação para a Saúde, Doutoranda em Sociologia, emacedo@ese.uminho.pt

² Professor Adjunto da Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho, Mestre em Educação para a Saúde, jmacedo@ese.uminho.pt

³ Professora Coordenadora da Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho, Mestre em Ciências da Educação; Doutoranda em Ciências de Enfermagem, fgomes@ese.uminho.pt

⁴ Professora Adjunta da Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho, Mestre em Educação de Adultos, pperes@ese.uminho.pt

Submetido em 30-09-2009. Aceite em 20-03-2010.

Citação: Macedo, E.F.D.C.; Macedo, J.C.G.M.; Gomes, M.F.P. (2010). Educar para a morte e a promoção da saúde mental. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, nº 3, 48-53.

todas as análises controversas à sua teoria, para Darwin, o homem nasce, cresce, reproduz, envelhece e morre. Isto é, o homem tem um *fin*. Mas, atendendo aos aspectos científicos da sua teoria, é surpreendente saber que, até Darwin, no final da sua vida retornou à sua fé na Bíblia. O fim causar-lhe-ia também sentimentos dolorosos que o levaram a pensar com dificuldade para além do tempo cronológico?

Este quadro provoca perturbação, inquietação e vazio interno, sentimentos inexplicáveis e difíceis de gerir numa sociedade em que " [...] caíram todos os tabus, como o do sexo, mas a morte é hoje, mais do que nunca, proibida de se mostrar, quase que uma coisa obscena ou pornográfica" (Barros de Oliveira, 1998:16).

Apesar desta constatação, a questão importante é verificar que a morte está pouco presente no discurso social (Ariés, 1989). Consequentemente verifica-se que ao longo do desenvolvimento humano, poucos são os momentos da actualidade em que reflectimos sobre o fim de vida. Por inerência, as crianças ficam "excluídas" desta reflexão a qual lhes permitiria integrar com naturalidade a morte no ciclo de vida.

PERCEPÇÕES DA CRIANÇA SOBRE A MORTE

Os estudos sobre o binómio criança-morte são maioritariamente direccionados para a relação do conceito de morte e algumas variáveis: sexo, idade, desenvolvimento cognitivo, religião, experiências prévias, discussão do constructo "morte" na família, mas pouco evidenciam as percepções das crianças sobre a morte e o morrer (Kreicbergs, 2004; Lizasoain & Lieutenant, 2002; Papadatou, 1997; Willis, 2002; Sirkiä, 2000; Yang & Chen, 2006).

A maioria dos estudos realizados tem sido conduzida para determinar o que as crianças entendem sobre a morte. Mas, apesar destes esforços, os resultados globais são descritos como não conclusivos (Torres, 2002), havendo a necessidade dos investigadores incluírem na sua compreensão outras variáveis, nomeadamente experiência prévia, a idade e habilidade cognitiva (Hunter & Smith, 2008).

A literatura sobre a percepção que as crianças têm sobre a morte é dominada pela perspectiva desenvolvimentista que foca a importância do conceito de morte. De acordo com o pensamento desenvolvimentista há cinco componentes essenciais na construção do conceito de morte: não funcionalidade, irreversibilidade, universalidade, causalidade e morte pessoal. Durante o desenvolvimento infantil o conceito de morte evolui desde a perspectiva de reversibilidade para um conceito de irreversibilidade. Nesta abordagem desenvolvimentista não é tida a experiência da criança, nomeadamente os factores sociais, culturais, individuais e familiares e o impacto que estes têm nas percepções e conceito de morte (Bluebond-Langner &

DeCicco, 2006). De acordo com estes autores, a perspectiva desenvolvimentista, ao considerar o conceito de morte linear e progressivo, ignora o facto de haver crianças que tenham percepções mais elaboradas que alguns adultos que apresentam percepções mais infantilizadas.

Willis (2002) refere que a irreversibilidade, a finitude, a inevitabilidade e causalidade estão directamente ligadas ao nível de desenvolvimento da criança. Acrescenta que até aos 3 anos, a criança tem consciência que algo está errado e tem sensibilidade para as respostas emocionais do adulto ao seu redor. Dos 3 aos 4 anos as reacções das crianças podem variar de raiva a indiferença. A criança acredita que a morte é temporária e podem responder agindo fora dos acontecimentos que rodeiam a morte ou expor medos irracionais. Dos 5 aos 6 anos as reacções variam, mas a criança pode ainda acreditar que a pessoa vai voltar. Dependendo do sistema de crenças na família, a criança pode começar a falar sobre a vida após a morte. As crianças podem encarar a morte como uma viagem.

Constata-se na literatura que não há consenso entre os investigadores acerca da idade em que se atinge uma aquisição formal do entendimento da morte, nem sobre o grau de desenvolvimento cognitivo necessário para um efectivo entendimento da mesma (Hunter & Smith, 2008; Bluebond-Langner & DeCicco, 2006).

Estudos que relacionam diferentes idades em crianças com as percepções sobre a morte mostram que a idade pode não ser preditora na construção do conceito de morte. Como demonstra Yang & Chen (2002) em crianças chinesas de diferentes idades, as crenças de morte biológica foram encontradas em crianças de grupos etários mais jovens e os conceitos metafísicos da morte estavam mais presentes em crianças mais velhas. Apesar desta constatação, não se encontram diferenças significativas entre categorias do conceito de morte e o género, estado de saúde, crenças religiosas, rituais fúnebres ou experiências de morte anterior de familiares e/ou animais de estimação. Num estudo efectuado com crianças e adolescentes com o objectivo de explorar os seus conceitos de morte verificou-se que as experiências prévias não eram preditoras do conceito de morte, embora tivessem ocorrido diferenças significativas em função do nível de escolaridade, do género, religião e da abordagem da temática morte na família (Yang & Chen, 2006).

Apesar de não existir consenso relativamente ao estado de saúde e às percepções da morte na criança (Yang & Chen, 2002), quando se estudam crianças saudáveis e com doença crónica, existem algumas diferenças relativamente ao conceito de morte nos dois grupos, tendo o impacto do diagnóstico e do tratamento um efeito de desestruturação que vão bloquear ou desacelerar a aquisição do conceito de morte na fase pré-operatória preconizada por Piaget (Torres, 2002). É quando a criança adoece gravemente que esta encara a morte de uma forma mais directa, provocando-lhe

medo e sofrimento causado pelo tratamento e pela separação dos familiares quando a doença requer hospitalização (Torres, 1999 & Kovács, 1992 In Almeida, 2005).

Quando são analisadas as percepções da morte e estratégias para lidar com ela em crianças de 6 a 10 anos com e sem experiência de morte recente de pessoas próximas, os dados referem que as crianças souberam tratar da morte, atribuindo-lhes causas mais realistas que mágicas. A estratégia para lidar com a morte mais encontrada foi a expressão emocional solitária de pesar (Martins, 2006).

A importância do diálogo sobre a morte com as crianças é importante no caminho de um luto saudável (Martins, 2006). Com efeito, a análise do discurso da criança acerca da morte é uma área ainda pouco desenvolvida, mas que se afigura, no nosso entender, como crucial para o real entendimento das suas percepções sobre a morte e potencial desenvolvimento de intervenções para (re)introdução do tema morte na vida social. A abordagem do estudo de narrativas das crianças acerca da morte afigura-se como uma válida alternativa à abordagem quantitativa (Yang & Chen, 2006).

METODOLOGIA

TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo. O estudo foi realizado com uma amostra intencional de quarenta e duas (42) crianças (22 do sexo feminino e 20 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 8-11 anos a frequentar o 3º e 4º ano do 1º ciclo de duas escolas do distrito de Braga.

OBJECTIVOS

O estudo teve como objectivos identificar as percepções sobre a morte em crianças entre os 8-11 anos e descrever as percepções sobre a morte em crianças entre os 8-11 anos.

INSTRUMENTOS DE COLHEITA DE DADOS

Atendendo ao tipo de estudo e aos seus objectivos, optámos pela realização de uma entrevista semi-estruturada. Simultaneamente, pedimos às crianças que representassem a "morte" em forma de desenho.

PROCEDIMENTOS

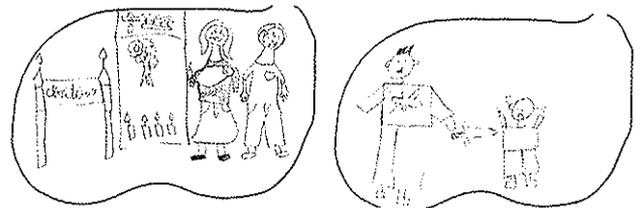
Como procedimento inicial, foi entregue uma carta de apresentação do estudo e o pedido de autorização para a sua realização aos agrupamentos das duas escolas. Após a obtenção da autorização foram contactados os responsáveis pela área de ensino onde os alunos estavam inseridos, para delinear os procedimentos de obtenção do consentimento

informado aos pais/encarregados de educação das crianças e a elas próprias.

Os instrumentos de recolha de dados foram aplicados durante os meses de Fevereiro e Março de 2009.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados obtidos foram objecto de análise de conteúdo, tendo sido, portanto, sujeitos a uma abordagem baseada em pressupostos qualitativos (Bardin, 2008).



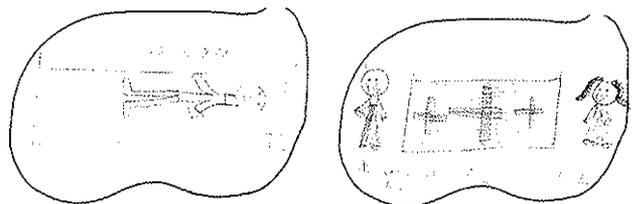
Do discurso das crianças emergem três categorias: significado simbólico da morte (quadro 1); emoções e sentimentos (quadro 2) e apreciação da morte (quadro 3). Optámos por contextualizar os domínios com algumas unidades de contexto mais significativas.

A par desta contextualização decidimos anexar os desenhos elaborados pelas crianças que se sincronizavam com os seus discursos.

Quadro 1: Significado simbólico da morte

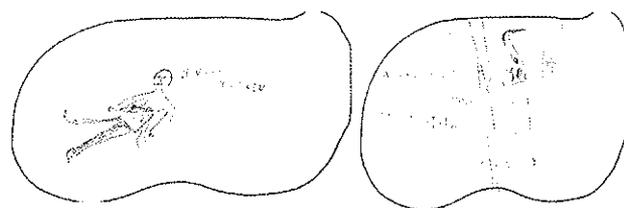
CATEGORIAS	DOMÍNIOS	UNIDADES DE CONTEXTO
	Rituais	"...funeral..." E11; "...o agora estou a roçar por eles" E31
Significado simbólico da morte	Finitude	"...é o fim da vida..." E16; E16; E18; "nunca mais vamos usar roupa..." E9
	Crenças	"...eu penso na morte... é quando uma pessoa morre e depois fica no céu..." E40; "...é quando alguém dela-se e nunca mais acorda..." E5
	Alegoria	"...é preto... é escuridão..." E29; "...é triste... é preto... é escuridão... é sangue..." E42

Consideramos englobados na primeira categoria, quatro domínios: os rituais, a finitude, as crenças e a alegoria.



Quadro 2: Emoções e sentimentos

CATEGORIAS	DOMÍNIOS	UNIDADES DE CONTEXTO
Emoções e sentimentos	Tristeza	"...a morte para mim é muito triste" E31; "achava que era muito triste a morte..." E9
	choro	"... vontade de chorar. Chorei." E26; "...estava muito doente e morri... fiquei triste... chorei" E26; "...quando o meu papinho morreu senti-me assim a chorar..." E31
	Saudade	"...agora sinto muito a falta dele..." E19; "saudades de quem morreu..." E27
	Dor	"...uma dor... sobre uma dor é uma maneira de falar..." E26; "...ai meu Deus... ai... parece que faltava um pedaço do meu coração..." E18
	medo	"... não gosto de falar nisso, é que eu tenho medo da morte..." E8
	Pena	"...choramos porque tenho pena, principalmente da minha família..." E14



Parece-nos evidente que a morte, na amostra estudada, é um tema que perturba e cria sentimentos e emoções negativas, levando ao aparecimento de atitudes de rejeição relativamente à sua discussão e enfrentamento.

Na segunda categoria foram incluídos seis domínios: tristeza, choro, saudade, dor, medo e pena.

Quadro 3: Apreciação da morte

CATEGORIAS	DOMÍNIOS	UNIDADES DE CONTEXTO
Apreciação da Morte	Terrível	"...eh...uh...é uma coisa horrível" E7; "...é terrível" E20
	Normal	"...é uma coisa normal, que acontece a todas as pessoas..." E14
	Boa	"...às vezes é bom...porque vamos para a beira dos nossos pais, dos nossos avós..." E30

Podemos perceber que o discurso sobre a morte foi construído a partir de vivências socioculturais, não havendo momentos formais em contexto familiar e educativo que ajudassem a criança a estruturar o conceito e a integra-lo no ciclo de vida.

Na terceira categoria abordámos três domínios: terrível, normal e boa.

Estudos demonstram que a discussão do conceito de morte no contexto educativo desde cedo conduzirá a um entendimento mais maduro desta temática, sendo que esta educação para a morte deve basear-se em ideias reais sobre a mesma dependendo do estadio de desenvolvimento da criança (Lee, 2009).

Pela análise dos resultados verificámos que as crianças se sentem pouco confortáveis a discutir o tema "morte". Percebemos, pelo discurso e pela postura da maioria das crianças durante a entrevista, que falar sobre o tema lhes criou algum desconforto, manifestado por inquietação e alguns sinais visíveis de tristeza.

Segundo Wass (1995), a escola constitui o lugar privilegiado para educar as crianças para todos os aspectos da vida e, deste modo, capacitar as crianças de instrumentos que as ajudarão a lidar com a morte de forma mais equilibrada. Este aspecto educacional poderá servir como antídoto para percepções incorrectas, visões distorcidas e até atitudes destrutivas que as crianças podem desenvolver apenas com visões da morte transmitidas nos seus meios sociais.

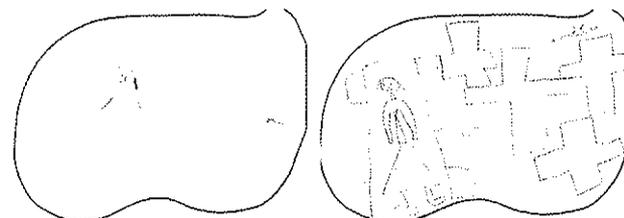
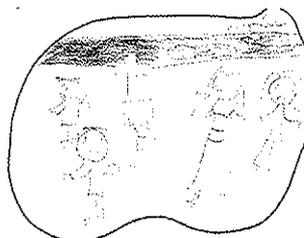
À morte são atribuídos significados diversos que nos parecerem resultado de experiências e vivências anteriores. Foi evidente, nos seus discursos, pouca discussão do tema na família, na escola e noutros contextos frequentados pelas crianças.

Pais, professores e profissionais precisam de ajudar as crianças a desenvolver estratégias para lidar com o medo, ansiedade e pensamentos negativos relativos à morte (McNeil, 1985; Wass, 1995, 2004; Papadatou, 1997; Higgins; 1999).

Algumas crianças verbalizaram a presença do tema nas conversas com a família. No entanto, essas conversas envolviam a morte de mistério e religiosidade. Talvez, por esta razão, as questões ligadas a crenças apareçam nos seus discursos.

CONCLUSÕES

A importância de estudar as percepções da criança sobre a morte tornou-se, de extrema relevância, também, para percebermos aspectos que envolviam essas percepções.



A morte está muito presente no pensamento das crianças estudadas provocando-lhes *sentimentos dolorosos*, sendo maioritariamente apreciada como um *acontecimento mau*.

Tornou-se evidente que o tema lhes causou *desconforto e surpresa* quando discutido. O facto das crianças estudadas se sentirem pouco confortáveis a falar sobre o assunto, poder-nos-á levar a pensar que o tema morte precisará de ser discutido no meio familiar e escolar.

A questão importante para a Saúde Mental das pessoas é saber se, temas como a morte, podem alterar o equilíbrio de cada um, dependendo das estratégias que se encontram para pensar sobre ela e integrá-la no seu dia-a-dia.

Parece-nos importante alterar o discurso e a vivência social de ocultação da morte, pois só deste modo as crianças ficarão em posição de melhor a enfrentar. O diálogo sincero sobre a morte humana em contexto familiar e a introdução da temática nos *curricula* escolar desde o 1º ciclo são factores importantes para que a criança possa (re)integrar a morte na sua vida (Macedo, 2004).

Apesar das limitações do presente estudo (nº de participantes e suas idades, contexto restrito e limitações de tempo), poderemos dizer que sugiram algumas janelas que merecem ser abertas a estudos posteriores nas áreas da saúde e educação e mais especificamente na área da Saúde Mental.

Futuras investigações devem usar amostras mais amplas tendo em conta variáveis como a idade, o género, religião, aspectos psicológicos (ansiedade face à morte) bem como a experiência pessoal de morte para facilitar o estudo das relações complexas, co-variáveis e interacções entre estas variáveis e as ideias que as crianças têm do constructo morte (Yang & Chen, 2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, F. (2005). Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no Hospital. *Boletim de Psicologia*, IV, (123) 149-163.

Ariés, P. (1989). *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. 2 ed. Lisboa: Teorema.

Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. 4ª edição. Lisboa: edições 70.

Barros de Oliveira, J. (1998). *Viver a Morte- Abordagem antropológica e Psicológica*. Coimbra: Livraria Almedina.

Bluebond-Langner, M., DeCicco, A. (2006). Children's views of death. In: Goldman, A., Hain, R. & Liben, S. (ed.). *Oxford Textbook of Palliative Care for Children*. Oxford/New York: Oxford University Press, pp. 85-93.

Escobar, C. (2007). El Desarrollo Psíquico y la Subsecuente Elaboración y Comprensión del Concepto de la Muerte en el Niño. *Revista Lasallista de Investigación*, 4 (2), 59-66.

Higgins, S. (1999). Death Education in the Primary School [1]. *International Journal of Children's Spirituality*, 4 (1), 77-90.

Hunter, S. & Smith, D. (2008). Predictors of children's understandings of death: age, cognitive ability, death experience and material communicative competence. *Omega*, 57 (2), 143-162.

Kreicbergs, U., Valdimarsdóttir U., Onelöv E., Henter J., Steineck G. (2004). Talking about Death with Children Who Have Severe Malignant Disease. *The New England Journal of Medicine*, 351 (9), 1175-1186.

Lee, J. O., Lee, J., Moon, S.S. (2009). Exploring Children's Understanding of Death Concepts. *Asian Pacific Journal of Education*, 29 (2), 251-264.

Lizasoáin, O. & Lieutenant, C. (2002). La Pedagogia Hospitalaria Frente a un Niño con Pronóstico Fatal – Reflexiones en Torno a la Necesidad de una Formación Profesional Específica. *ESE*, 2, 157-165.

Macedo, J. (2004). Elisabeth Kübler-Ross: a necessidade de uma educação para a morte. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Martins, T. (2006). Concepções de morte e estratégias de enfrentamento: um estudo com crianças de 06 aos 10 anos com e sem experiência de perda por morte recente. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Faculdade de Psicologia.

McNeil, J. (1985). Death Education in the Home Parents Talk With Their Children. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 8 (1), 293-313.

Papadatou D. (1997). Training Health Professionals in Caring for Dying Children and Grieving Families. *Death Studies*, 21, 575-600.

Schramm, F. (2002). Morte e finitude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 48 (1), 17-20.

Sirkiä, K., Saarinen-Pihkala UM., Hovi L. (2000). Coping of Parents and Siblings with the Death of a Child with Cancer: Death after Terminal Care compared with Death during active Anticancer Therapy. *Acta Paediatr*, 89, 717-721.

Torres, W. (2002). O conceito de morte em crianças portadores de doenças crônicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (2), 221-229.

Wass, H. (1995). Death in the Lives of Children and Adolescents In: Neimeyer, R. (ed.) *Dying: Facing in the Facts*. 3 ed. Washington: Taylor & Francis, pp. 269-301.

Wass, H. (2004). A Perspective on the Current State of Death Education. *Death Studies*, 28 (4), 289-308.

Willis C. A. (2002). The Grieving Process in Children: Strategies for Understanding, Education, and Reconciling Children's Perceptions of Death. *Early Childhood Education Journal*, 29 (4), 221-226.

Yang, S., Chen, S. (2002). A phenomenographic approach to the meaning of death: A chinese perspective. *Death Studies*, 26, (2) 143-175.

Yang, S., Chen, S. (2006). Content Analysis of Free-Response Narratives to Personal Meanings of Death Among Chinese Children and Adolescents. *Death Studies*, 30, 217-241.

